

CÔA VISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº

EDIÇÃO DA

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

ACTAS DO I CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA
DE TRÁS-OS-MONTES, ALTO-DOURO E BEIRA BAIXA
(ANO DE 2004)

ISBN 972-8763-15-8



9 789728 763152

PUBLICAÇÃO ANUAL ALCARDO DO
CULTURAIS DA CAMARÁ MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FIM

CÔAVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 7 · ANO DE 2005

TRABALHO COORDENADO POR

ANTÓNIO N. SÁ COIXÃO

(Este número da Côavisão publica exclusivamente as Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, organizado entre 29 de Abril e 2 de Maio de 2004, áreas dos Concelhos de Meda e Vila Nova de Foz Côa)



Foto da capa:

Rio Douro – Lugar do Torrão

Composição e impressão:

Côa Gráfica – Artes Gráficas, Lda. — V. N. de Foz Côa
Depósito legal n.º 121116/98
ISBN 972-8763-15-8

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA
2005

Índice

Prefácio	5
Introdução	7
“Povoações Romanas da Beira Transmontana e Alto Douro” <i>Jorge de Alarcão</i>	9
“Existe uma ocupação Proto-Histórica em Trás-os-Montes antes da ocupação Romana? Alguma notas sobre esta questão” <i>Dulcineia Cândida Bernardo Pinto</i>	19
“Arte Rupestre e Ocupação Humana no Vale do Côa – balanço da investigação no Parque Arqueológico do Vale do Côa” <i>Luís Luís</i>	31
“Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): Balanço de seis anos de trabalho neste recinto monumental pré-histórico” <i>Vitor Oliveira Jorge...e outros</i>	61
O sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) – reflexões sobre fases e contextos” <i>Susana Oliveira Jorge... e outros</i>	69
“Tipologias de aparelho construtivo do Sabugal Velho” <i>Marcos Osório</i>	81
“O troço desactivado da linha do Douro (Pocinho – La Fuente de San Esteban): um caso de Património Arqueológico Ferroviário a defender” <i>Carlos Abreu</i>	101
“O Esteio gravado do Cabeço do Bique (Perafite, Vila Verde, Alijó)” <i>Francisco Monteiro Faure e Eliana Miranda de Sousa</i>	133
“O Pentagrama de Ribeira de Piscos (Vila Nova de Foz Côa) e seus paralelos no contexto da arte rupestre filiforme pós-paleolítica da Península Ibérica” <i>Fernando Augusto Coimbra</i>	145
“Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa – Primeiros resultados da estação sismológica e da estação meteorológica em funcionamento no PAVC” <i>António Pedro Batarda Fernandes</i>	159
“Antiquários e Arqueólogos” <i>António Alberto Rodrigues Trabulo</i>	167
“A Pré-História Recente no Douro Sul. Um ensaio de Arqueologia Espacial” <i>António José Fernandes Heitor e Carla Isabel Dias Franco</i>	173
“A estátua-menir de Longroiva e a sua importância para a cronologia da Idade do Bronze na região do Côa e territórios confinantes <i>Adriano Vasco Rodrigues</i>	179
“As fíbulas do Bronze Final e Idade do Ferro de Portugal Interior (Norte e Centro): problemática sobre produção local e de longa distância” <i>Salette da Ponte</i>	185
“Pré-História Recente na região da Guarda – alguns subsídios” <i>Manuel Sabino G. Perestrelo e Marcos Osório</i>	207

"Canedotes (Vila Nova de Paiva – Viseu): uma aproximação à ocupação do povoado"	233
<i>Alexandre Canha</i>	
"O Castelo de Torre de Moncorvo: resultados da intervenção de 2001"	251
<i>António Chéney e Pedro Sobral de Carvalho</i>	
"A Numária de Ervamoira e a do Baixo Côa"	275
<i>J. A. Gonçalves Guimarães e Susana Guimarães</i>	

O Pentagrama de Ribeira de Piscos (V. N. de Foz Côa), e seus paralelos no contexto da Arte Rupestre Filiforme Pós-Paleolítica da Península Ibérica

FERNANDO AUGUSTO COIMBRA

INTRODUÇÃO

O pentagrama é um motivo de carácter simbólico, com a forma de uma estrela de cinco pontas, sendo conhecido também por pentalfa (do grego πέντα “cinco” e ἄλφα, nome da 1ª letra do alfabeto). Geralmente é designado em Portugal por sino-saimão, forma popular de *signum salomonis*, pois a crença atribui a Salomão a posse de um anel mágico contendo um sinete com um pentalfa.

Em 1918, José Leite de Vasconcelos publica um trabalho muito aprofundado e com inúmeras ilustrações sobre este símbolo (VASCONCELOS, 1918). Trata-se de um artigo notável, que abre inúmeras perspectivas de investigação sobre o pentagrama, quer a nível arqueológico, quer a nível etnográfico e que se torna indispensável para quem estuda esta temática.

Para se compreender melhor a presença do pentagrama em arte rupestre, é necessário aludir também ao aparecimento de este símbolo em outros suportes, quer anteriores, quer posteriores, em termos cronológicos. De facto um dos aspectos mais surpreendentes relativamente ao pentagrama é a sua sobrevivência temporal, que se estende desde meados do IV milénio a.C. até a actualidade. Outro aspecto a realçar é a sua dispersão por vestígios tão variados como cerâmicas diversas (sumérias, etruscas, gregas e romanas), moedas (gregas, romanas, gaulesas, muçulmanas e portuguesas), anéis, amuletos, fivelas de cinturão, escudos, igrejas românicas, siglas medievais, siglas poveiras, tampas de sepulturas e estelas funerárias medievais, sendo ainda recentemente utilizado nos currais de gado e nas cangas de bois, contra “o mau-olhado”. Poderíamos citar mais exemplos ainda, mas tal seria fastidioso para o leitor, sendo os já referidos suficientes para verificar um certo carácter profiláctico no pentagrama.

Pitágoras e os pitagóricos chamaram ao pentagrama *ὑγίεια* – *hugieia* – o que se traduz geralmente por saúde, mas que eles entendiam, segundo parece, como uma saúde perfeita (física, mental e espiritual). De facto, este símbolo aparece numa moeda grega de Pitane, do séc. IV a.C., “em conexão com Asclépio ou Esculapio, deus da saúde” (VASCONCELOS, 1918: 205). Ainda no séc. IV a.C., o pentagrama era o símbolo da cidade de Jerusalém, surgindo associado à inscrição YRSLN, modo como era designada aquela cidade em hebraico antigo (BATATA, COIMBRA e GASPAR). Curiosamente, numa exposição de arqueologia hebraica patente ao público no Verão de 2001, na Sinagoga del Tránsito, em Toledo, pudemos observar e fotografar um fragmento cerâmico daquela época com a sigla YRSLN associada a um pentagrama.

Na arte rupestre da Península Ibérica, para além dos pentagramas filiformes existem outros, executados por incisão profunda, que importa também analisar para melhor compreensão destes motivos (Fig. 1). Existe ainda uma estrela (?) de cinco pontas, picotada, na Cueva de Menga (Antequera, Málaga) e, na pintura esquemática do sul da Andaluzia, existem alguns “esteliformes” de cinco braços que não podem deixar de ser referidos, ainda que muito brevemente.

Na arte rupestre filiforme, o pentagrama tem uma grande difusão espacial, surgindo em Portugal, em Espanha (nas províncias de Badajoz, Cáceres, Segóvia e na ilha de Menorca), em Andorra, França (Perpignan, Ariège e Mont Bego) e em Itália (Valcamonica e Valchiavenna, entre outros locais).

Uma vez que este símbolo tem uma grande complexidade, surgindo em suportes variadíssimos e com cronologias muito diversas, qualquer abordagem realizada no âmbito de um congresso, devido ao limite de tempo e espaço, terá sempre um carácter preliminar, pois para uma interpretação profunda seria necessário grande desenvolvimento e um estudo interdisciplinar para o qual, neste momento, não temos disponibilidade. Para além disso, algumas informações de última hora sobre novas rochas com pentagramas não nos permitem estudar estes novos achados com a profundidade que gostaríamos.

Seguidamente passamos a tecer algumas considerações sobre cada sítio com pentagramas filiformes na Península Ibérica, apresentando também alguns paralelos de além Pirinéus, sempre que tal seja esclarecedor.

I - SÍTIOS COM PENTAGRAMAS FILIFORMES

Na Península Ibérica, os locais com pentagramas filiformes são pouco numerosos, resumindo-se a nove sítios, que são os seguintes: Rocha 2 de Ribeira de Piscos (V. N. de Foz Côa), Laje da Fechadura (Sertã), Petróglifo de Aceitunilla (Las Hurdes, Cáceres), Rocha de la Huetre, (Casares de Las Hurdes, Cáceres), Petróglifo de Pisada de la Mora (La Huerta, Caminomorisco, Cáceres), Petróglifos de Cheles (Badajoz), Cueva de la Griega de Pedraza (Segóvia), Roca de les Bruixes (Prats de Canillo, Andorra) e Biniguarda Vell (Menorca).

1 - Rocha 2 de Ribeira de Piscos (V. N. de Foz Côa)

Trata-se de uma superfície vertical de xisto, onde foi traçado um pentagrama algo incompleto e irregular, à esquerda do qual existem alguns traços que formam, centralmente, um triângulo (Fig.2). Na opinião de António Martinho Baptista, "estas duas figuras (...) podem ser da Idade do Ferro ou mesmo ulteriores, embora se encontrassem, à data do levantamento, cobertas por depósitos aluvionares modernos" (BAPTISTA e GOMES, 1997: 309). Estas gravuras foram executadas na parte inferior da referida superfície xistosa, encontrando-se actualmente cobertas por sedimentos fluviais devido às diversas cheias que se têm verificado no rio. (Agradecemos esta informação ao Dr. Luís Luís, do Parque Arqueológico do Vale do Côa).

Uma vez que este pentagrama não tem outras associações a não ser a figura enigmática à sua esquerda, qualquer tentativa de interpretação directa se torna difícil, sendo necessário recorrer a outros exemplos, quer peninsulares, quer transpirenaicos. Assim, a irregularidade do seu traço com linhas de dimensões desiguais, tal como a sua execução algo incompleta, têm paralelo por exemplo, nos Pirinéus Orientais Franceses, em Jaça de les Formigues (Formiguera), nas Rochas A, C e D da Peyra Escrita (Formiguera), em Collada dels Planes (Caixàs), em Pla de Vallengles (Prunet), entre outros casos datados da Idade do Ferro (ABÉLANET, 1990). Pelo contrário, como mostraremos adiante, os pentagramas da Laje da Fechadura (Sertã) e do Petróglifo de Aceitunilla (Las Hurdes, Cáceres) têm, regra geral, uma elaboração mais equilibrada e simétrica, para além de se encontrarem associados a motivos dos quais se podem retirar algumas ilações. Assim sendo, passamos seguidamente à análise dos restantes pentagramas filiformes da Península Ibérica, antes de avançarmos com qualquer tipo de interpretação que deixaremos para mais tarde.

2 - Laje da Fechadura (Sertã)

Trata-se de uma superfície horizontal de xisto rasante ao solo, ligeiramente inclinada, virada a noroeste, situada a meia-encosta da Serra do Figueiredo, freguesia de Figueiredo, concelho de Sertã, distrito de Castelo Branco. Para além de quatro pentagramas, esta rocha tem uma grande variedade de motivos de diferentes cronologias: pontas de seta, escalariformes, traços paralelos e convergentes, reticulados, rectângulos com diagonais e medianas, um possível escutiforme, quadrados, uma possível vulva, duas inscrições alfabéticas pré-latinas e uma inscrição latina (BATATA, COIMBRA e GASPAREL, 2004).

Os pentagramas apresentam duas técnicas de execução: dois deles são muito pequenos, quase imperceptíveis, e com traço filiforme finíssimo; os outros são maiores e elaborados por incisão filiforme seguida de abrasão. Cada um destes últimos está estreitamente associado a um cruciforme de quatro braços iguais, estando o conjunto destes motivos associado a um grande reticulado (Fig. 3). Um dos pentagramas maiores tem a particularidade de conter um traço prolongado para fora de uma das suas pontas, sendo cruzado por outro traço perpendicular, constituindo um cruciforme. Casos semelhantes acontecem, por exemplo, em Pla de Vallengles, Prunet (ABÉLANET, 1990: 163-Fig. 135) e na Rocha de Cà de Dos em Piancogno, Valcamonica, (PRIULI, 1993: 118).

Os pentagramas mais pequenos da Laje da Fechadura encontram paralelo, no seu tamanho e traço finíssimo, na Rocha 24 de Foppe di Nadro, Valcamonica. Deve-se fazer aqui um parêntesis para referir que a arte rupestre filiforme pós-paleolítica se estende, sem interrupção, desde o Arco Alpino Meridional até ao centro de Portugal, levantando questões interessantes sobre influências culturais entre povos, mas que para já se torna prematuro abordar.

3 - Petróglifo de Aceitunilla (Nuñomoral, Las Hurdes, Cáceres)

Trata-se de uma superfície horizontal de xisto onde surgem quatro pentagramas associados a círculos simples e a escaleriformes. Um destes últimos motivos tem início, curiosamente, numa das pontas de um pentagrama, estando outra inserida num círculo com meio círculo concêntrico (Fig. 4). Não conhecemos nenhum paralelo para esta associação, nem na Península Ibérica, nem fora dela. Existem ainda dois pentagramas inseridos totalmente, ou quase, em círculos simples e um último um pouco mais isolado. Muito recentemente, a Prof.^a Dr.^a Carmen Sevillano, nossa Directora de Tese de Doutorado, informou-nos da descoberta de mais sete pentagramas nesta rocha, que se encontravam sob alguns líquenes, entretanto removidos.

Os círculos concêntricos e os escaleriformes são manifestações que “abarcam um amplio margen cronológico y que no tienen una entidad propia definitoria de una cultura” (SEVILLANO, 1991: 184-185), e sendo assim torna-se difícil datar os pentagramas que lhes surgem associados. Estes motivos necessitam, pois, de surgir juntamente com elementos datáveis e é isso que parece acontecer com a descoberta da rocha que passamos a descrever em seguida, existente na mesma região de Las Hurdes.

4 - Rocha de La Huetre (Casares de Las Hurdes, Cáceres)

Tivemos conhecimento desta rocha apenas recentemente, através de uma publicação de Carmen Sevillano, mas ainda não dispomos de todos os elementos que gostaríamos para a analisar em profundidade. Todavia, a importância que esta descoberta encerra, justifica plenamente a sua inclusão neste trabalho.

De acordo com aquela investigadora, o pentagrama “aparece en la zona de la Huetre asociada a líneas, triángulos, y alabardas, que hemos identificado como de tipo Carrapatas” (SEVILLANO, 1991: 185). Ora, estas encontram-se já definidas cultural e cronologicamente, tendo a sua origem no Bronze Inicial, “perdurando durante varias etapas del Bronce hasta reflejarse en diferentes manifestaciones, como la que aparece en la estela de Longroiva o en la roca de Molelinhos de Vizeu, coexistiendo com cuchillos de hoja curva de la Edad del Hierro” (SEVILLANO, 1991: 185). Esta associação do pentagrama com armas é inédita na Península Ibérica, mas este símbolo surge, por exemplo, junto de machados da Idade do Ferro e sobre um escudo da mesma época, na Rocha dos Guerreiros em Piancogno, Valcamónica (PRIULI, 1993: 73), aparecendo também na rocha 24 de Foppe di Nadro, associado a um arco com flecha. Ainda em Valcamónica, em Campanine di Cimbergo, existe um pentagrama sobre a cabeça de um guerreiro que brande um escudo côncavo na mão direita e uma clava na esquerda, parecendo estes exemplos italianos apontar para um valor protector deste símbolo relativamente aos guerreiros.

Quanto aos pentagramas de la Huetre não pretendemos estabelecer uma cronologia absoluta mas sim relativa, devendo ser datados, na opinião de Carmen Sevillano, de acordo com os elementos com os quais estão associados, ou seja da mesma época das alabardas, não esquecendo a origem destas no Bronze Inicial e a sua sobrevivência em períodos mais tardios.

5 - Petróglifo de Pisada de La Mora (La Huerta, Caminomorisco, Cáceres)

Trata-se de uma superfície semi-horizontal de xisto, com uma ligeira inclinação, onde surgem sete pentagramas com dimensões que oscilam entre os 8 e os 14 centímetros. Um destes símbolos tem a ponta superior encostada a uma combinação circular, encontrando-se este conjunto rodeado por três podomorfos, situando-se os restantes pentagramas abaixo e à direita do já referido (Fig. 5). Esta rocha foi estudada, pela primeira vez, por Carmen Sevillano e Julián Bécares, que referem o ineditismo da associação de pentalfas e podomorfos, tendo sido as gravuras datadas da Idade do Ferro, em termos relativos (SEVILLANO SAN JOSÉ e BÉCARES PÉREZ, 1998). Os autores indicam também a existência de inúmeros líquenes, que possivelmente podem encobrir outras gravuras, inclusivamente mais pentagramas, facto que é frequente na arte rupestre filiforme ao ar livre.

Esta rocha é a terceira da região de Las Hurdes a apresentar pentagramas. Em Portugal, a arte rupestre filiforme pós-paleolítica tem sido pouco estudada, mas estamos certos que na região do centro interior, principalmente no vale do Zêzere, pouco distante da zona Hurdana, surgirão novos locais com este tipo de arte, podendo então surgir mais alguns pentalfas.

6 - Petróglifos de Cheles (Badajoz)

De acordo com informação do Dr. Hipólito Collado, investigador que trabalhou no registo da arte rupestre do Guadiana espanhol, existem pentagramas filiformes na região de Cheles. Aquele investigador

prometeu enviar-nos imagens e mais informações sobre estes símbolos, mas infelizmente até hoje nada recebemos, desconhecendo também se estes motivos foram ou não submersos pela Barragem de Alqueva.

7 - Cueva de la Griega de Pedraza (Segóvia)

Trata-se de uma gruta natural onde surgem gravuras paleolíticas, juntamente com outras pós-paleolíticas e até inscrições romanas. Associado a uma destas últimas, existe um pentagrama filiforme, com a característica de os traços de um dos vértices não se unirem (Fig. 6), tal como acontece por exemplo na Roca de Les Bruixes e na Rocha A da Peyra Escrita (Formiguera), próximo de Perpignan. Mas tal facto não impede de estarmos perante um verdadeiro pentagrama, que estranhamente não é referido pelos autores de onde recolhemos a figura apresentada, que apenas indicam a inscrição "GALLVS" (MAYER e ABÁSULO, 1997: 193). Através da análise da referida fotografia, a preto e branco, não se torna possível demonstrar se este pentagrama é anterior, contemporâneo ou posterior à inscrição romana. Sabe-se que os romanos usaram também este símbolo, quer em cerâmicas, quer até em contexto funerário, como acontece por exemplo na necrópole de Sos Furriguesos (Sassari, Sardenha), onde surge representado no tecto do túmulo (escavado no tufo calcário) conhecido por Domus de Janas IX, associado a outras representações de carácter uraniano (VENTURA, 1996).

8 - Roca de les Bruixes (Prats de Canillo, Andorra)

Trata-se de uma zona escarpada de xisto, dividida em três secções: superior, média e inferior. A primeira é paralela ao solo e a mais profusamente insculturada apresentando pentagramas, pontas de seta, linhas paralelas, arboriformes e reticulados; a segunda é vertical e apresenta dois antropomorfos cruciformes, entre outras gravuras; a última é horizontal e contém, para além de outros motivos, um pentagrama imperfeitamente executado, de cuja ponta superior parte uma linha em zig-zag, possivelmente uma inscrição pré-latina (Fig. 7). Existe um paralelo desta estrela de cinco pontas com linha em Pla de Valleles (Prunet), sendo aliás a tipologia da arte rupestre filiforme andorrenha muito semelhante à dos Pirinéus Orientais Franceses, na região de Perpignan (ABÉLANET, 1990) e também à da região de Ariège (GUIRAUD, 1960).

Em Março de 2001 tivemos a possibilidade de nos deslocarmos a Andorra, mas tornou-se impossível ver este complexo de gravuras filiformes por se encontrar vedado e fechado ao público, devido ao seu avançado estado de degradação. Contudo, aproveitámos o tempo para consultar artigos sobre a Roca de les Bruixes, na Biblioteca de Andorra la Vella, verificando que ela foi estudada por Pere Canturri Montanya (1976 e 1985) e David Mas (1977). Estes autores datam estas gravuras da Idade do Bronze, tal como Juan A. Gómez-Barrera. Este último, citando outro investigador que estudou esta rocha (Luís Díez-Coronel), refere que o local deve ter sido "un interesante santuario prehistórico com larga pervivencia en el mundo medieval y actual ya que a 500 ms. de los grabados se ubicó el santuario de la Mare de Déu de Meritxel, Patrona de Andorra" (GÓMEZ BARRERA, 1992: 315).

9 - Grutas de s' Encantament (Biniguarda Vell, Menorca)

Trata-se de uma gruta artificial, escavada no calcário da Ilha de Menorca, onde surgem diversas gravuras filiformes entre as quais se destaca um conjunto principal que passamos a descrever: existem dois pentagramas associados a uma suástica imperfeitamente executada, uma figura antropomórfica, um machado e dois quadrúpedes esquemáticos. O pentagrama unido à suástica encontra-se também muito mal executado (Fig. 8). O facto de a suástica ter um dos braços ao contrário poderá dever-se à falta de habilidade do executante das gravuras, surgindo exemplos semelhantes na arte rupestre da Suécia (de acordo com imagem enviada pelo nosso colega e amigo Prof. Dr. Leo Dubal) e também em Itália, na Peira Eicrita de S. Germano (Vale do Chisone).

Conhecemos estas gravuras apenas através do desenho publicado num artigo de J. Mascaró Pasarius, que lhes atribui uma datação do Bronze Final. Não conhecemos em mais lugar algum a associação de pentagramas com suástica, mas este conjunto de Biniguarda Vell é extremamente interessante e toda a cena deste conjunto remete para um significado de carácter simbólico-religioso.

II - SÍTIOS COM PENTAGRAMAS INCISOS PROFUNDAMENTE

Tal como no caso dos pentagramas filiformes, os sítios da Península Ibérica com este símbolo inciso profundamente também são pouco numerosos, resumindo-se a cinco locais por nós conhecidos: Montedor (Afife, Viana do Castelo), Lamelas, (Ribeira de Pena, Vila Real), Vale da Casa (V. N. de Foz Côa), Aldeia Velha (Góis), e Tiermes-Sotillo (Sória). Cronologicamente estes pentagramas incisos profundamente são mais recentes que os filiformes. Em seguida vamos também analisar estes sítios, caso por caso, embora com menos desenvolvimento que nos locais com pentagramas filiformes, que são o objectivo principal de esta comunicação. De qualquer modo, como já referimos, estes pentagramas mais recentes contribuem para uma melhor compreensão dos mais antigos.

A - Montedor (Afife, Viana do Castelo)

Trata-se de uma superfície horizontal de granito, com um grande pentagrama inciso com cinco covinhas entre os braços do símbolo (Fig. 9). Esta associação da estrela de cinco pontas com o mesmo número de covinhas tem paralelo em amuletos portugueses dos séculos XVII e XVIII, tratando-se de talismãs destinados a proteger do mal os seus portadores, sendo muito comuns no Portugal do séc. XVIII. Eram constituídos por uma placa circular de prata ou de ouro, onde se gravava o símbolo juntamente com cinco orifícios entre os seus braços, representando as cinco chagas de Cristo (VASCONCELOS, 1918).

Este pentagrama de Montedor fica muito próximo de uma pequena fortaleza marítima do séc. XVII, devendo ter sido executado pelos seus habitantes, com a finalidade de protecção. As covinhas, representando aqui as cinco chagas de Cristo, associam-se ao pentagrama, "a symbol used in Portugal still today against evil, joining like this the faith to the magical and protective power of the five pointed star, in a way of reinforcing the good-luck charm" (COIMBRA, 2003: 5).

Pensamos que este pentagrama de Montedor é inédito, pois foi por nós observado em 1997 e até hoje ainda não encontramos nada publicado sobre ele. Já lhe fizemos uma breve referência em 2001, num congresso sobre covinhas, realizado em Verbania, Itália (COIMBRA, 2003).

B - Lamelas (Ribeira de Pena, Vila Real)

Trata-se de uma superfície horizontal de granito, onde surge um grande pentagrama, bem executado, simétrico e com sulcos bastante profundos, juntamente com outras gravuras muito mais patinadas. Poderá ser de época medieval ou mais recente.

Este tipo de pentalfas, com sulcos profundos, tem levado alguns autores a considerar TODOS os pentagramas rupestres como manifestações supersticiosas de época medieval ou moderna, o que é incorrecto. É sabido que algumas populações da Idade Média encaravam as gravuras rupestres esquemáticas como representações demoníacas ou obra de bruxas, e daí a existência de cruciformes e pentagramas medievais juntamente com insculpturas mais antigas, de modo a esconjurar o diabo e a obter protecção contra o mal. Refira-se, por exemplo, que ainda hoje em Andorra existe a "Rocha das Bruxas" (Roca de les Bruixes de Prats de Canillo), onde existem algumas gravuras com a forma de sulcos paralelos e oblíquos, que a tradição popular conhece como "les unglades del diable"- as unhas do diabo – (CANTURRI MONTANYA, 1976: 82). Também em Andorra, mas na capital, Andorra-la-Vella, existiu outra rocha das Bruxas, entretanto destruída.

Mas, como já foi atrás indicado, existem casos de pentagramas datados da Idade do Bronze e outros da Idade do Ferro, embora seja uma cronologia relativa e não absoluta. Todavia, existem em Itália pentagramas seguramente proto-históricos, como acontece, entre outros exemplos, em Piancogno (Baixa Valcamónica), onde estes símbolos aparecem sobrepostos por outras gravuras "definibili cronologicamente, come iscrizione, armi, rappresentazioni di recipienti e figure antropomorfe e zoomorfe" (PRIULI, 1991: 187). Portanto estes pentalfas de Piancogno são mais antigos que os motivos que lhes foram gravados, posteriormente, por cima.

C - Vale da Casa (V. N. de Foz Côa)

Trata-se de um complexo de gravuras em xisto, com técnicas e fases cronológicas distintas, onde António Martinho Baptista refere a existência de "duas estrelas de cinco pontas, ainda pouco patinadas" (BAPTISTA, 1986: 68). Infelizmente o autor não fornece mais nenhuma indicação sobre estes pentagramas, que julgamos que serão profundamente incisos e não filiformes, devido à falta de patine. Uma vez que

este núcleo de arte rupestre se encontra, segundo pensamos, ainda submerso pelas águas da Barragem do Pocinho, não se torna possível efectuar, para já, mais nenhuma consideração sobre estes símbolos.

D - Aldeia Velha (Góis)

Trata-se de uma superfície horizontal de xisto com dois pentagramas, estando um inserido num círculo, tendo sido reavivado possivelmente, por algum curioso, a canivete ou com outro utensílio duro. Estes procedimentos são lamentáveis e impedem uma correcta leitura das gravuras rupestres. Torna-se necessário fazer aqui um parêntesis para a urgência da salvaguarda da arte rupestre que é um património que se degrada rapidamente demais, devido a factores diversos, naturais e antrópicos. Qualquer estudo sobre arte rupestre ao ar livre deve ter também em conta a preocupação com a preservação das gravuras, pois, nos últimos anos, factores naturais como os fogos florestais, a meteorização química e o crescimento de líquenes, entre outros, têm contribuído para uma deterioração progressiva de vários conjuntos de arte rupestre, que se vai tornando alarmante. Já nos referimos a estes problemas, de modo aprofundado, num trabalho de investigação realizado no âmbito da nossa Tese de Doutoramento, que esperamos publicar atempadamente, e onde propomos algumas soluções de protecção.

Voltando aos pentagramas de Aldeia Velha eles não parecem muito antigos, devido à profundidade dos seus sulcos e à existência da insculptura de um cavalo, que tem a mesma profundidade, e parece de feitura relativamente recente (Idade Moderna? /Idade Contemporânea?). Não muito longe destas gravuras, a caminho para a Pampilhosa da Serra, existe uma localidade denominada Sino Saimão, que pode estar relacionada com a existência da gravura de um ou mais pentagramas.

Agradecemos ao nosso colega e amigo Dr. Carlos Batata as informações e a fotografia sobre estes símbolos.

E - Abrigo n.º 7 de Tiermes – Sotillos de Caracena (Soria)

Entre as povoações de Tiermes e Sotillos de Caracena existe um alcantilado de calcário onde aparecem inúmeras gravuras, que foram estudadas por J. A. Gómez-Barrera, tendo o autor dividido a zona em sete abrigos. No abrigo n.º 7 aparecem representados dois pentagramas, juntamente com dois cavaleiros empunhando lanças e outros motivos abstractos. De acordo com aquele investigador, os primeiros são posteriores às outras gravuras do mesmo painel, pois têm uma “factura y patina más reciente” (GÓMEZ BARRERA, 1992: 164).

Em termos cronológicos este conjunto de arte rupestre torna-se difícil de datar, uma vez que até ao momento não se conhece nenhum sítio arqueológico que possa ser relacionado com a execução das gravuras, sendo a estação arqueológica mais próxima o povoado celtibérico-romano de Tiermes. Todavia, para Gomez-Barrera, “puede ser determinante para la datación cronológica de los grabados de Tiermes-Sotillos de Caracena la similitud hallada entre algunos de sus cuadrúpedos y jinetes (...) con otros grabados obtenidos por repiqueteado en el muro de la galeria porticada de la ermita románica de Ntra Sra. De Tiermes” (GÓMEZ BARRERA, 1992: 164). Assim, as gravuras deste abrigo poderão ser românicas, o que parece coerente devido à sua tipologia, sendo os pentagramas mais recentes, possivelmente ainda da Idade Média ou da Idade Moderna, como acontece em Montedor.

III - OUTROS “ESTELIFORMES” DE CINCO PONTAS

Tal como referimos atrás existem ainda alguns “esteliformes” que, embora não sejam verdadeiros pentagramas, importa abordar aqui, pois contribuem para a interpretação deste símbolo em arte rupestre. Analisamos apenas dois casos: o esteliforme da Cueva de Menga (Antequera, Málaga) e um esteliforme do abrigo Tajo de Las Figuras (Benalup, Cádiz).

A Cueva de Menga é um monumento megalítico, impressionante pelas suas dimensões, contendo num dos esteios da entrada, ao lado esquerdo, uma “estrela” de cinco pontas picotada, sobre a qual se encontram quatro antropomorfos esquemáticos (Fig. 10). Será aqui a “estrela” também uma representação da figura humana? Ainda é cedo para que esta interpretação seja segura, mas o esteliforme de Tajo de Las Figuras tem na realidade características antropomórficas, pois apresenta nitidamente uma cabeça, juntamente com os membros superiores e inferiores abertos, formando uma espécie de estrela, revelando algumas semelhanças com o logótipo do partido “Bloco de Esquerda”, passe toda e qualquer mensagem política. É de referir também que, em 1929, Henri Breuil e M. C. Burkitt, na sua obra “Rock Paintings of Southern Andalusia. A description of a Neolithic and Copper Age Art Group”, apontam para uma

representação humana de alguns esteliformes, embora contestados em 1968, mas sem grandes argumentos, por Pilar Acosta. De qualquer modo, estes dois casos recolhidos, um na arte megalítica e outro na pintura rupestre esquemática, não significam que os pentagramas filiformes possam ser interpretados como uma representação humana estilizada.

Em termos de cronologia relativa, a “estrela” da Cueva de Menga poderá datar dos finais do III milénio, início do II milénio a. C., sendo o esteliforme pintado de Tajo de Las Figuras mais antigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Já referimos atrás que a arte rupestre filiforme se estende desde os Alpes até ao centro de Portugal, com inúmeros exemplos de pentagramas, e que este facto pressupõe contactos e influências entre povos diversos. Actualmente ainda é cedo para saber quem influenciou quem, relativamente ao símbolo aqui estudado, mas a Arqueologia prova que existiram contactos entre o Norte de Itália e o Litoral Centro e Litoral Norte de Portugal, desde tempos proto-históricos. Apontamos dois exemplos evidentes: o primeiro é uma fíbula descoberta no Castro de Parreitas, Alcobaça, depositada no Museu Etnográfico e Arqueológico Dr. Joaquim Manso (Nazaré), datada dos finais do séc. VIII, início do séc. VII a.C., que é praticamente igual, tanto na forma como na decoração, a outra encontrada no Norte de Itália e depositada hoje no Museu de Copenhaga. Estas fíbulas são também muito semelhantes a uma terceira, da Cultura de Villanova, descoberta em Vulci, Itália, datada do séc. VIII a.C., devendo ser, pelo menos as duas primeiras, provenientes de uma mesma oficina. O segundo exemplo é uma gravura rupestre do Castro de Guifões, Matosinhos, datada da Idade do Ferro, constituída por uma suástica de braços curvos associada a nove covinhas em cruz, motivo que conta com dezasseis exemplos em Valcamónica, onde é conhecido por “Rosa Camuna”. Existe outro caso deste tipo de suástica em Ilkley Moor (Yorkshire, Inglaterra), mas torna-se evidente que o centro difusor deste motivo foi o Norte de Itália.

Estes dois exemplos mostram a realidade dos contactos muito antigos entre povos, que seriam provavelmente efectuados por via marítima. A difusão dos pentagramas deve ter seguido o mesmo caminho, talvez de oriente para ocidente, uma vez que os exemplos mais antigos conhecidos até hoje são os existentes em cerâmicas sumérias. Todavia, em relação aos pentagramas em arte rupestre filiforme, parecem-nos que os da Península Ibérica são, em alguns casos os mais antigos entretanto descobertos. Como se referiu, os da Roca de Les Bruixes (Andorra) são datados da Idade do Bronze por vários autores e os de Biniguarda Vell (Menorca) são atribuídos ao Bronze Final, portanto mais antigos que, por exemplo, os da região de Perpignan (Pirinéus Orientais) e os de Valcamónica, geralmente datados da Idade do Ferro. Na região de las Hurdes (Cáceres), alguns pentagramas poderão ser também atribuíveis à Idade do Bronze, como acontece em la Huetre, devido às suas associações com pontas de seta e com alabardas. De modo geral, os restantes pentagramas filiformes da Península Ibérica devem ter sido executados na Idade do Ferro, sendo de referir a existência deste símbolo em cerâmica pré-romana de Sta. Olaia, Montemor-o-Velho (ROCHA, 1905-1908: 343 e est. XXVII).

Como já referimos no início desta comunicação, para interpretar convenientemente o pentagrama seria necessário não estarmos sujeitos a limites de espaço e de tempo, pois torna-se indispensável analisar exemplos do símbolo cronologicamente anteriores e outros posteriores aos aqui estudados. De qualquer modo avançamos com algumas hipóteses interpretativas, sempre que as associações com outros motivos sejam minimamente elucidativas. Assim, alguns casos remetem para um significado de carácter apotropaico, como por exemplo os pentagramas de Biniguarda Vell, associados a uma suástica, e os dois maiores da Laje da Fechadura, associados a dois cruciformes de quatro braços iguais, que na Idade do Ferro podem constituir símbolos solares, na opinião de Miranda Green (GREEN, 1991). No caso de La Huetre, o facto de se encontrarem associados com armas confere-lhes um “concepto de protección, como talismán contra los malos espíritus de la guerra” (SEVILLANO SAN JOSÉ, 1991: 102), parecendo acontecer o mesmo em Piancogno e em Campanine de Cimbergo (Valcamónica), onde existem exemplos de pentagramas associados a guerreiros. O mesmo significado parece perdurar num elemento militar bárbaro, do séc. V, encontrado em Conimbriga, que ostenta um nítido pentalfa e que se pode observar no Museu Monográfico deste sítio arqueológico.

Os outros exemplos da Península Ibérica tornam-se mais difíceis de interpretar, nomeadamente o pentagrama de Ribeira de Piscos, que surge associado com outras gravuras que são pouco elucidativas quanto ao seu significado. Por isso mesmo, para o compreender melhor, tornou-se necessário estudar os seus paralelos na arte rupestre filiforme da Península Ibérica e de outras regiões, para além de analisar ainda outros pentagramas cronologicamente posteriores, executados por técnica diferente.

Quanto a alguns de estes pentagramas mais recentes parece continuar a verificar-se uma ideia de protecção, como no caso do de Montedor (protecção dos residentes no forte), e no caso de Ribeira de Pena (talvez protecção contra as gravuras mais antigas, consideradas como obra de bruxas ou do diabo).

Refira-se, a propósito, que o próprio Cristianismo medieval utiliza o pentagrama, como acontece por exemplo num sino da Igreja de Santa Cruz de Coimbra datado de 1294, recentemente exibido numa exposição, onde o símbolo surge associado a uma cruz de quatro braços iguais. Este carácter profilático do pentagrama tem uma sobrevivência verdadeiramente extraordinária, pois, ainda em pleno séc. XX, na Galiza é considerado como “un símbolo mágico para preservar al que lo usa de los malos espíritus” (LORENZO FERNANDEZ, 1940: 280). José Leite de Vasconcelos fornece variados exemplos interessantíssimos, da mesma época, sobre a crença no poder protector do pentagrama, em vários países europeus, e refere também que “os Muçulmanos livram-se do mau olhado, pintando o pentalfa nas casas” (VASCONCELOS, 1918:210). Curiosamente, a bandeira de Marrocos ainda hoje ostenta um pentagrama no centro, sendo este símbolo usado desde longa data pelo mundo islâmico. Este motivo pode ainda ser visto em cangas de bois e em currais, tanto de Portugal como da Galiza, onde estes motivos “son coñecidos co nome de salomóns e o seu obxeto é preservar o gado do mal de ollo e dos feitizos das bruxas” (LORENZO FERNANDEZ, 1935: 221). Em suma, parece que, de modo geral, se torna possível atribuir um significado protector ao pentagrama, onde quer que ele surja, salvaguardando, obviamente, várias possíveis excepções.

Existe ainda muito trabalho a fazer na recolha de informações sobre a presença de este símbolo na arte rupestre filiforme europeia e só com investigações profundas se poderá chegar a conclusões mais perenes sobre esta temática. Uma vez que a arte filiforme é de detecção difícil, certamente ainda aparecerão mais estações com pentagramas, quer na P. Ibérica quer na Europa, que poderão lançar mais luz na compreensão sobre este símbolo em arte rupestre.

Não podemos deixar de agradecer as informações preciosas da nossa Orientadora de Tese de Doutoramento, Prof.^a Dr.^a Cármén Sevillano e do Prof. Dr. Umberto Sansoni (Director do Dipartimento Valcamonica do Centro Camuno di Studi Preistorici, Itália), sem as quais este artigo ficaria muito mais pobre. Bem hajam!

BIBLIOGRAFIA

- ABÉLANET, J. (1990) – Les roches gravées nord catalanes. *Terra Nostra*, nº5. Centre d' Etudes Préhistoriques Catalanes. Université de Perpignan, Prada: 101-209.
- BATATA, C. (1998) – Carta Arqueológica do Concelho da Sertã. Câmara Municipal da Sertã: 18-19.
- BATATA, C., COIMBRA, F. A. e GASPAS, F. (2004) – As gravuras rupestres da Laje da Fechadura (Concelho da Sertã). *Gaílivo*, Vila Nova de Gaia, Revista de Portugal, 1: 26-31.
- BAPTISTA, A. M. (1986) – O complexo de gravuras rupestres do Vale da Casa (Vila Nova de Foz Côa), *Arqueologia*, 8. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto: 57-69.
- BAPTISTA, A. M. e GOMES, M. V. (1997) – Arte Rupestre, in *Arte Rupestre e Pré-História do Vale do Côa*. Trabalhos de 1995-1996. Ministério da Cultura, Lisboa.
- CANTURRI MONTANYA, P. (1976) – Els Gravats Rupestres Esquematics de les Valls d' Andorra. *Actas del Septimo Congreso Internacional de Estudios Pirenaicos*, Tomo I. Instituto de Estudios Pirenaicos/Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Jaca: 81-87.
- CANTURRI MONTANYA, P. (1985) – Variété des gravures rupestres. *Les Dossiers. Histoire et Archeologie*, n.º 96. s/ Editeur, Dijon: 49-55.
- COIMBRA, F. A. (2003) – The cup-marks in the rock art of Western Europe. A contribute to its study and interpretation, *Actas do Congresso “Le incisione rupestri non figurative nell’arco alpino meridionale”*, Museo del Paesaggio, Verbania. www.artepreistorica.it
- GOMEZ BARRERA, J. A. (1992) – Grabados rupestres postpaleolíticos del Alto Duero. Museo Numantino/Caja Salamanca y Soria, Soria.
- GREEN, M. (1991) – The sun-gods of Ancient Europe. B.T. Batsford, Ltd., London: 11-60; 137-138.
- GUIRAUD, R. (1960) – Les gravures rupestres d' Olargues (Hérault). *Rivista di Studi Liguri*, XXVI. Istituto Internazionale di Studi Liguri. Bordighera: 243-256.
- LORENZO FERNANDEZ, J. (1935) – A arte popular nos xugos da Galiza. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, VII. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto: 221.
- LORENZO FERNANDEZ, J. (1940) – El Símbolo Solar en el NW de la Peninsula, in *Memórias do Congresso do Mundo Português*, Vol. I, Lisboa: 280.
- MAS, D. (1977) – El Roc de les Bruixes. Noves aportacions als gravats rupestres andorrans. *Quaderns d' Estudis Andorrans*, 2. Cercle de les Arts i de les Lletres de les Valls d' Andorra, Escaldes: 5-31.
- MASCARÓ PASARIUS, J. (1953-54) – Las cuevas prehistóricas y los grabados rupestres de Menorca. *Ampurias XV-XVI*. Departamento de Barcelona del Instituto “Rodrigo Caro” de Arqueología y Prehistoria, Barcelona: 345-349.
- MAYER, M. e ABÁSULO, J. A. (1997) – Inscripciones latinas. La Cueva de la Griega de Pedraza (Segovia), in *Memorias, Arqueologia en Castilla y León*, 3, Dir. De Soledad Corchón. Junta de castilla y León: 193
- PRIULI, A. (1991) – Stelliformi, in *La cultura figurativa preistorica e di tradizione in Italia*. Edizione Giotto, Bologna: 182-187.
- PRIULI, A. (1993) – I Graffiti Rupestri di Piancogno. Le incisioni di età celtica e romana in Vallecmonica. Società Editrice Vallecmonica., Darfo Boario Terme: 71-73; 118-121.
- ROCHA, A. S. (1905 a 1908) – Estações pré-romanas da idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira, *Portugália*, II. Porto: 343 e est. XXVII.

- SEVILLANO SAN JOSÉ, M. C. (1983) – Analogías y diferencias entre el arte rupestre de las Hurdes y el Valle del Tajo, *Zephyrus*, XXXVI. Universidad de Salamanca: 259-263.
- SEVILLANO SAN JOSÉ, M. C. (1991) – Grabados Rupestres en la comarca de Las Hurdes (Cáceres). *Acta Salamantica*, 77. Universidad de Salamanca: 100-102; 184-185.
- SEVILLANO SAN JOSÉ, M. C. e BÉCARES PÉREZ, J. (1998) – Grabados Rupestres en La Huerta (Caminomorisco, Cáceres), *Zephyrus* LI. Universidad de Salamanca: 289-302.
- VASCONCELOS J. L. de (1918) – *Signum Salomonis. O Archeólogo Português*, XXIII. Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos, Lisboa: 203-316; 382-384.
- VENTURA, S. (1996) – Datazione delle figure a "stella" nell' arte rupestre camuna. *B. C. NOTIZIE. Notiziario del Centro Camuno di Studi Preistorici*, Marzo 1996, Capo di Ponte: 9-11.

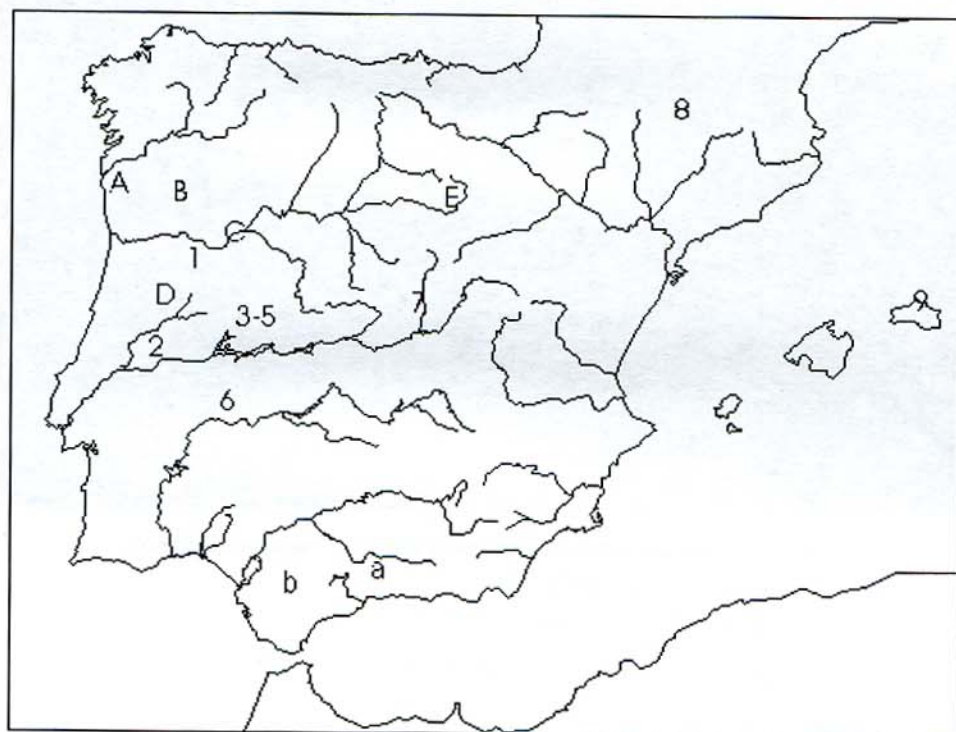


Fig. 1 – Distribuição de pentagramas filiformes, pentagramas profundamente incisos e outros esteliformes: 1 – Ribeira de Piscos; 2 – Laje da Fechadura; 3 – Petróglifo de Aceitunilla; 4 – Rocha de La Huetre; 5 – Pisada de La Mora; 6 – Petróglifos de Cheles; 7 – Cueva de La Griega; 8 – Roca de les Bruixes; 9 – Biniguada Vell; A – Montedor; B – Lamelas; C – Vale da Casa; D – Aldeia Velha; E – Tiernes- Sotillo; a – Cueva de Menga; b – Tajo de Las Figuras.

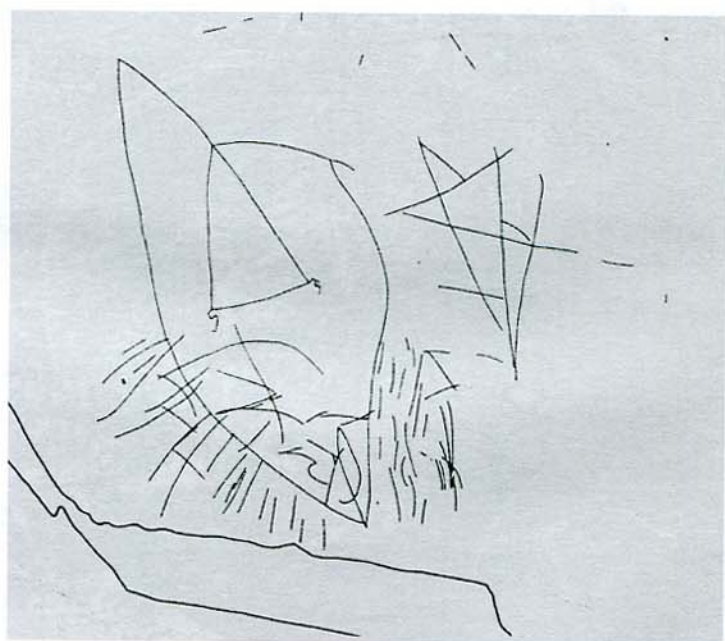


Fig. 2 – Pentagrama de Ribeira de Piscos (Segundo BAPTISTA e GOMES, 1997).



Fig. 3 – Pentagramas e cruciformes (Laje da Fechadura, Sertão)

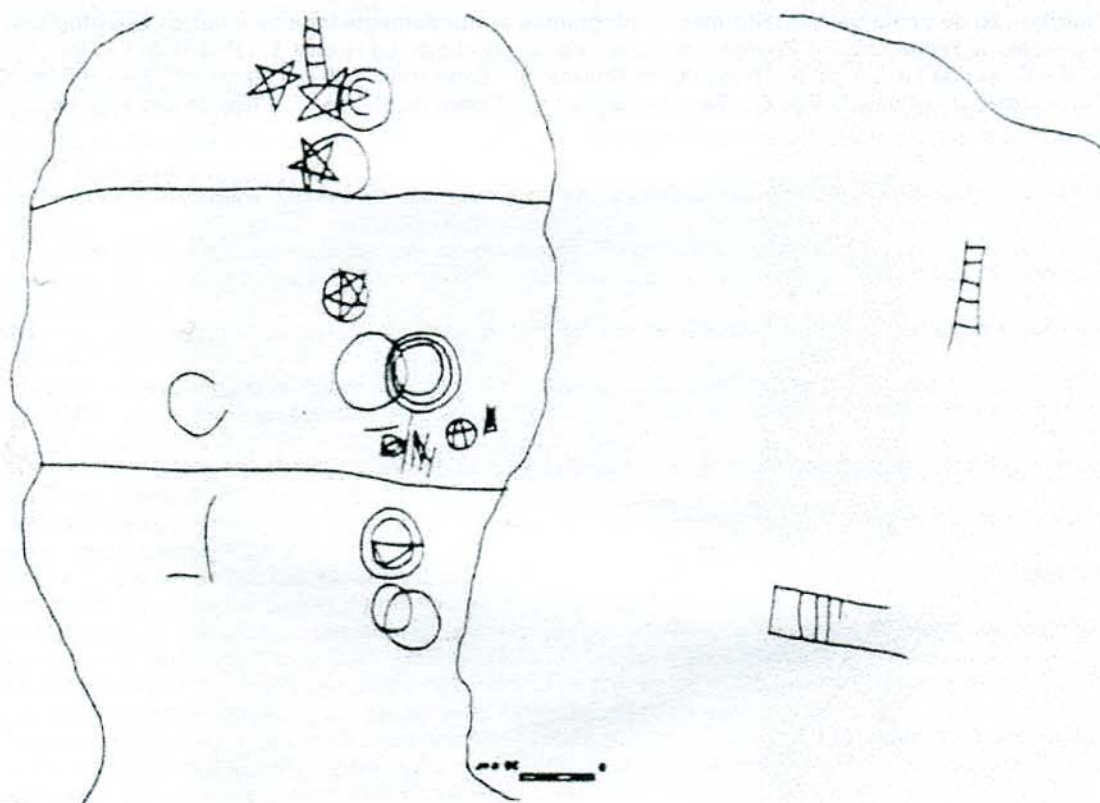


Fig. 4 – Pentagramas, círculos e escalariforme, Petróglypho de Aceitunilla (Segundo SEVILLANO SAN JOSÉ, 1983).

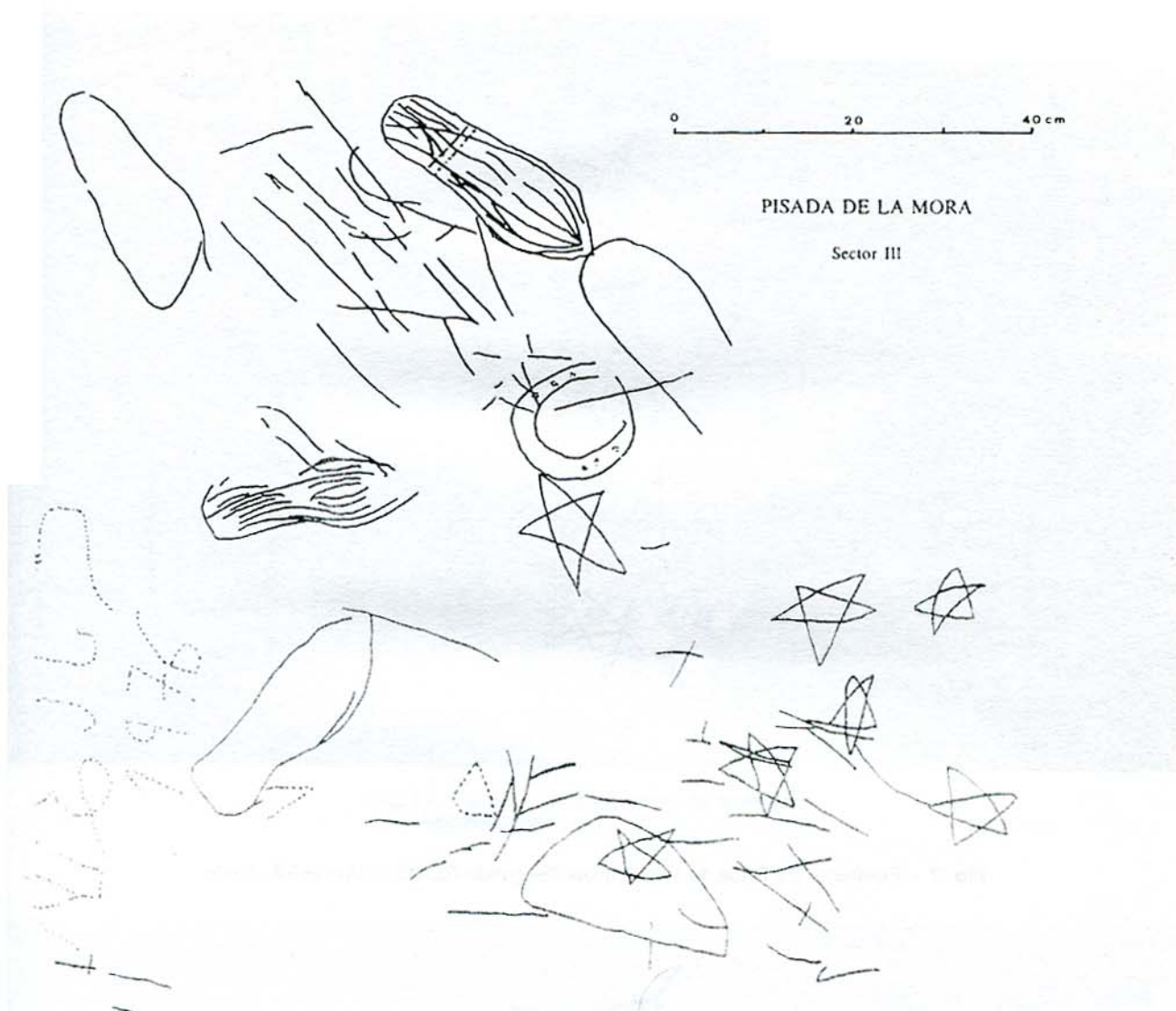


Fig. 5 – Pentagramas de Pisada de la Mora, pormenor (Segundo SEVILLANO SAN JOSÉ e BÉCARES PÉREZ, 1998).



Fig. 6 – Pentagrama de Cueva de La Griega (Segundo MAYER e ABÁSULO, 1997).

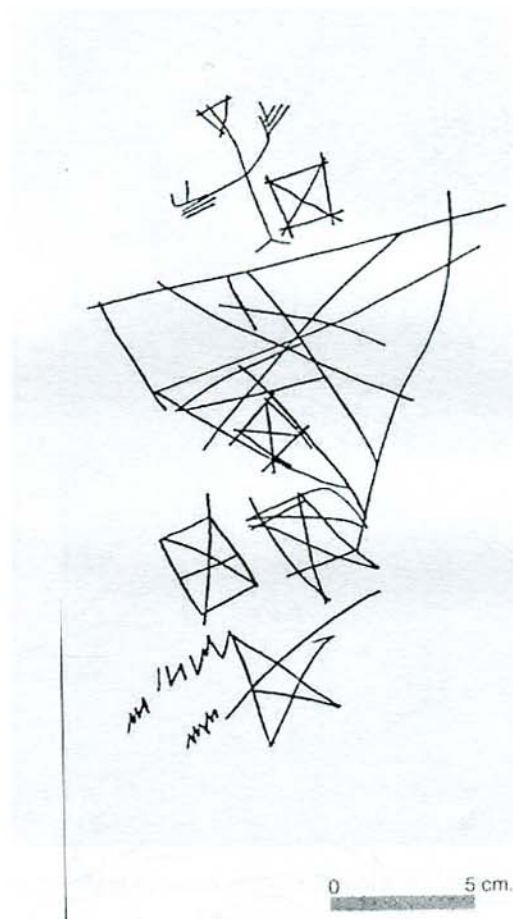


Fig. 7 – Pormenor da Roca de Les Bruixes (Segundo GÓMEZ BARRERA, 1992).

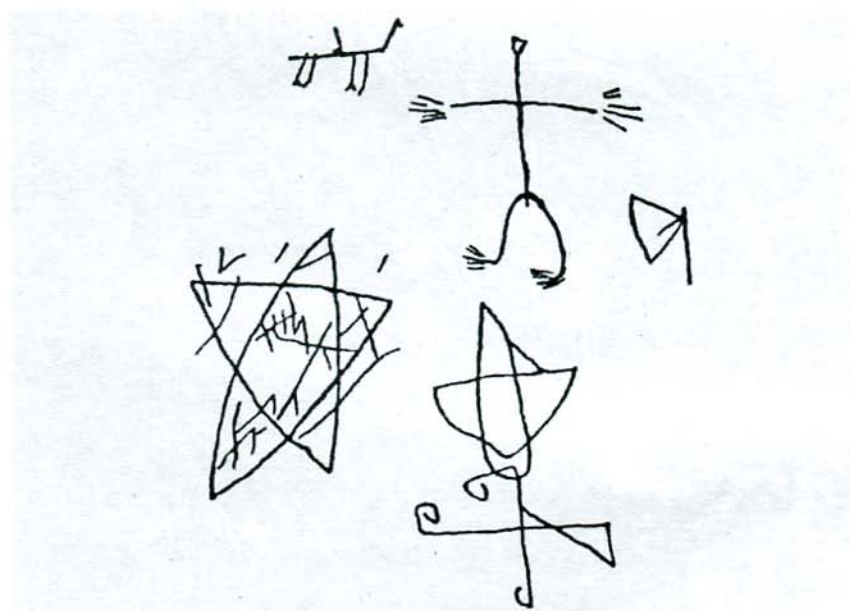


Fig. 8 – Pentagramas, suástica, antropomorfo, machado e quadrúpedes em Biniguarda Vell (Segundo MASCARÓ PASARIUS, 1953-54).



Fig. 9 – Pentagrama e covinhas de Montedor.

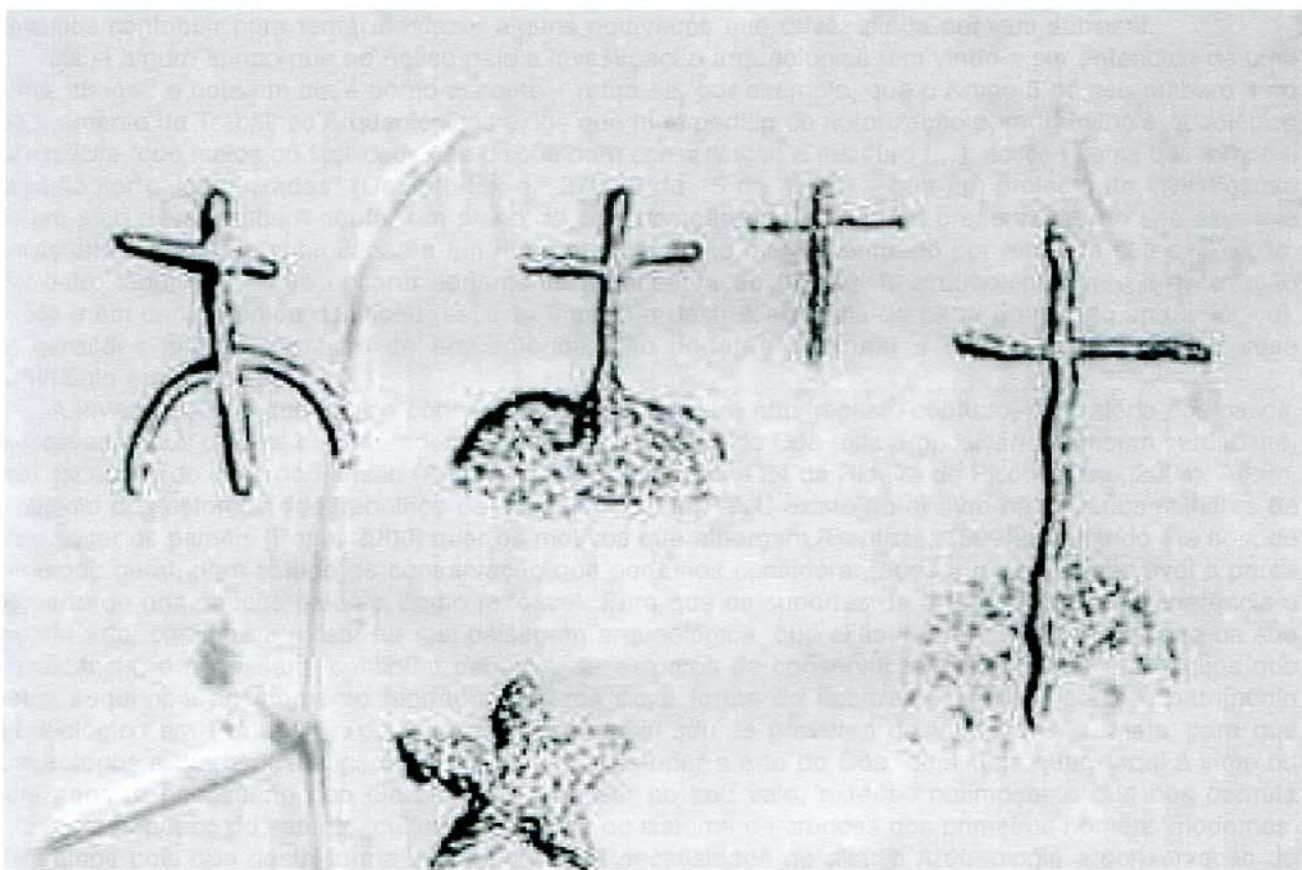


Fig. 10 – Esteliforme e antropomorfos de Cueva de Menga.